

UM JANTAR MUITO ORIGINAL: DA CICATRIZ DA HUMILHAÇÃO À DINÂMICA DA NEUROSE E DA PERVERSIDADE

Ana Maria Costa Lopes

Instituto Politécnico de Viseu/ Escola Superior de Educação

Zaida Pinto Ferreira

Instituto Politécnico da Guarda/ Unidade de Desenvolvimento e Investigação do Interior

Resumo: O conto *Um jantar muito original* inscreve-se no domínio da literatura fantástica oitocentista, conforme dilucidado, de forma consistente, por muitos estudiosos, como sejam Maria Leonor Machado de Sousa (1978:51), Maria de Lurdes Sampaio (1994:248), ou, ainda mais recentemente, Flávio Garcia (2013:37-49), entre outros. Uma vez que o mistério, o horror e o fantástico são aqui usados para expressar os desvios da mente perversa do protagonista, Herr Prosit, iremos enveredar por uma análise de cariz psicanalítico, por considerarmos que esta abordagem nos poderá proporcionar informação acrescida sobre as motivações do protagonista que, em nosso entendimento, funciona como arquétipo, ou espelho (se preferirmos), das restantes personagens. Neste domínio, importa discutir a natureza dos mecanismos identificatórios que, no contexto de uma sociedade “dubia, marginal” (PESSOA, 2008:13), como era a Sociedade Gastronómica de Berlim, se traduzem numa dialética sujeito-»objeto. Esta dialética inaugura os atos de narcisismo, masoquismo, sadismo, voyeurismo, neurose e perversão protagonizados por Herr Prosit e tacitamente sancionados por toda a Sociedade que o escolheu para presidente, ou seja, para os representar. Importa notar que o conhecimento do ato hediondo do qual involuntariamente tinham participado não refreou os impulsos destrutivos dos membros da sociedade gastronómica. Muito pelo contrário. Agindo como um só corpo, os gastrónomos desferem sobre Prosit todo o ódio, violência e fúria outrora reprimidos em prol de um suposto culto pela arte, ato do qual retiram igual *jouissance* à que o protagonista obtivera. Averigua-se assim que o inconsciente, uma vez instalado (provisória ou definitivamente) no lugar do ego, estilizará irreversivelmente qualquer suposto apreço pela beleza, pela arte ou pela civilização.

Palavras-chave: Identificação; sujeito; objeto; neurose; perversão.

Abstract: *A very unique Dinner: from the scar of humiliation to the dynamics of neurosis and perversity.* The short story *A very unique dinner* falls within the domain of fantastic nineteenth-century literature, as explored, consistently, by many scholars, such as Maria Leonor Machado de Sousa (1978: 51), Maria de Lurdes Sampaio (1994: 248) or, more recently, Flavio Garcia (2013: 37-49), among others. Once mystery, horror and the fantastic are here used to express the deviations of the perverse mind of the protagonist, Herr Prosit, we will embark on a psychoanalytic oriented analysis, as we consider that this approach may provide

further information on the motivations of the protagonist who, in our view, works as an archetype, or mirror (if one prefers), of the remaining characters. In this context, it is important to discuss the nature of identificatory mechanisms in the context of a "dubious, marginal" society (PESSOA, 2008: 13), as was the Gastronomic Society of Berlin, translated into a subject-object dialectic. This dialectic inaugurates the acts of narcissism, masochism, sadism, voyeurism, neurosis and perversion perpetrated by Herr Prosit and tacitly sanctioned by the whole society that has chosen him for president, that is, to represent them. It should be noted that knowledge of the heinous act in which they involuntarily had participated does not hold back the destructive impulses of the members of the gastronomic society. Quite the contrary. Acting as one body, the gastronomes thrust upon Prosit all the hatred, violence and fury once repressed in favor of a supposed cult of art, an act which derives equal *jouissance* to the one which the protagonist had obtained. One acknowledges that the unconscious, once installed (temporarily or permanently) in place of the ego, irreversibly shatters any supposed appreciation for beauty, art or civilization

Keywords: Identification; subject; object; neurosis; perversion.

Introdução

O conto *Um Jantar Muito Original* (Pessoa, 2008:10-33), de Alexander Search, semi-heterônimo de Fernando Pessoa, foi escrito em 1907 e é praticamente desconhecido do grande público e pouco valorizado pelos críticos da obra literária do poeta.

Prematuramente criado por Pessoa, mais concretamente em 1899, época da sua adolescência vivida na África do Sul (1896-1905), Search teve uma existência muito curta no mundo da heteronímia do autor. O próprio apelido Search, que significa procura, poderá ter sido escolhido intencionalmente, já que Fernando Pessoa, naquela altura, estava a iniciar-se nas lides da criação literária. Esta escolha poderá estar também relacionada com a personalidade do próprio poeta. Fruto de uma infância e juventude marcadas pela dor, melancolia e solidão, Pessoa era dotado de um espírito inquieto, ávido de conhecimento, de necessidade de desvendar os mistérios da alma humana.

Um Jantar Muito Original trata, como o título indica, de um jantar entre um grupo de apreciadores de boa comida (Sociedade Gastronómica de Berlim, presidida por Prosit), confeccionado com o intuito de ser original e, ao mesmo tempo, enigmático para

os que participavam dele, uma vez que estes tinham de adivinhar o que o jantar teria de misterioso, invulgar e nunca antes experimentado: “A originalidade do jantar”, disse o Presidente, como alguém que falasse depois de reflectir, ‘não está no que ele tem ou parece, mas naquilo que significa, no que contém. Desafio qualquer homem que aqui está (e, para o caso, podia dizer qualquer homem em qualquer parte) a dizer, depois de terminado, em que é que ele é original’” (Pessoa, 2008:18). Toda a trama se desenrola em torno da personagem principal, culminando com a revelação, pelo próprio Prosit, do crime que calculara e levava a cabo: homicídio, seguido de um ato coletivo de canibalismo (de que, note-se, os convivas nada sabiam). Prosit é pois, ao mesmo tempo, “um poeta do sabor” e o “louco autor desta façanha mais que horrível” (32).

Assim, partindo desde logo do pressuposto que o conto *Um jantar muito original* se inscreve no domínio do fantástico, conforme já foi aduzido, de forma consistente, por muitos estudiosos, como sejam Maria Leonor Machado de Sousa (1978:51), Maria de Lurdes Sampaio (1994:248), ou, ainda mais recentemente, Flávio Garcia (2013:37-49), entre outros, iremos enveredar por uma leitura psicanalítica do conto de Pessoa, por considerarmos que esta linha exegética nos

poderá proporcionar informação acrescida sobre as motivações das personagens, fundamentalmente do protagonista, aqui com função, do nosso ponto de vista, de arquétipo, ou espelho (se preferirmos), das restantes. Mais concretamente, com base na descrição minuciosa e exaustiva de Prosit, feita por um narrador intra e homodiegético, procuraremos interpretar, à luz da psicanálise, o seu comportamento, fundamentalmente a sua determinação em levar a cabo um crime que, do ponto de vista social e cultural, é abominável, não descurando porém o facto de também os seus pares no culto e aperfeiçoamento das artes gastronómicas (incluindo o próprio narrador), serem “socialmente inúteis, humanamente em deterioração” (PESSOA, 2008: 13).

Cumpre referir que a nossa análise consistirá na aplicação sincrética, embora crítica, de enunciados-chave do domínio da psicanálise, como por exemplo a noção de bons e maus objetos¹, proposta por Melanie Klein, a imagem especular, de inspiração lacaniana, a noção de abjeto, de Júlia Kristeva e, *last but not least*, conceitos elaborados por aquele que foi o pioneiro, o fundador da psicanálise, Sigmund Freud, tais como ego, id e superego, *uncanny*, etc. Abordaremos ainda outros termos dilucidados pelos vários

psicanalistas acima referidos, nomeadamente: narcisismo, alienação, pulsões, perversão, neurose, sadismo, masoquismo, etc. Como expectável, a nossa análise tem como pressuposto o facto de que existe, em todo o sujeito, uma indelével simbiose entre os domínios psíquico e somático, uma dialética de que o corpo é recetáculo e expressão, como aliás traduz o pensamento que abre este conto: “Diz-me o que comes, dir-te-ei o que és” (PESSOA, 2008:31). Esta afirmação remete para o domínio da análise psicológica e ontológica, até porque invoca o mito da incorporação ou introjeção que, conforme o descreve Freud na sua obra *Totem e Tabu*, se seguiu ao ato parricida levado a cabo pelos filhos da horda selvagem. Segundo Freud, ao assassinar o pai, os filhos põem cobro ao seu despotismo, sendo que, ao introjetá-lo, assimilam alguns dos seus poderes².

¹ Se recuarmos à época em que a criança nasceu, verifica-se que ela depende umbilicalmente do seio materno, um objeto parcial que será fonte de bem ou mal-estar, consoante a sua capacidade para satisfazer as necessidades básicas do “ego”, como sejam a mitigação da fome e ao mesmo tempo do frio, já que o leite que jorra do seio materno aquece o corpo do bebé. Ao proporcionar-lhe o alimento e bem-estar (consequentemente prazer) físico de que ele necessita, o seio comporta-se como um bom objeto. Existem contudo ocasiões em que o bebé, ainda que sinta fome, sede ou dor não tem forma de minimizar esse desconforto, na medida em que o seio se ausentou. O objeto que se recusa (temporariamente) a alimentá-lo é, pois, um mau objeto, pelo que a criança sente o impulso de o destruir. Importa ter em conta que, quer o bom, quer o mau objeto existem apenas enquanto imagens idealizadas que a criança introjetou. A partir dos seis meses de idade, a criança tem a noção da perda (ausência) do objeto-mãe na sua completude e é por isso que, quando a mãe desaparece, o bebé julga tratar-se de uma retaliação por parte do objeto (seio materno) que, tendo sido mutilado, irá reaparecer novamente para o perseguir (Veja-se, por exemplo Kristeva, 2001).

² Repare-se que os mitos de incorporação/introjeção do corpo eram já vigentes entre os povos primitivos, como é o caso do mito de Hainuwele, uma divindade proveniente de Ceram, na Nova Guiné. Assim, revelamos a narrativa mítica que, em tempos primordiais, um paleo-agricultor de nome Ameta seguia no encalço de um porco selvagem que, ao dar-se conta de que estava a ser perseguido, se precipitou num lago, onde se afogou. Na boca, o porco tinha uma noz, da qual Ameta sonhou ser necessário tomar posse, a fim de que a pudesse plantar. Da noz que foi plantada germinou, passados três dias, um coqueiro. Ao subir ao coqueiro, para cortar flores, Ameta cortou-se e o sangue que ele derramou sobre uma flor deu origem, nove dias depois, à menina Hainuwele (ramo de coqueiro), que, passado pouco tempo, estava pronta para casar-se. Hainuwele participou, já adulta, dos festejos da comunidade, as festas Maro. Era tradição, durante esses festejos, as jovens ofertarem nozes aos jovens do sexo oposto; Hainuwele, por sua vez, brindava-os com presentes mais valiosos, que emergiam do seu próprio corpo, como brincos em ouro, coral, pratos em porcelana, entre outros. No início, os jovens alegraram-se com os presentes recebidos, porém, a inveja dos dons e talentos que Hainuwele ostentava tiveram como desfecho o assassinato da jovem, ao fim de nove dias, no termo das cerimónias. Hainuwele foi enterrada num fosso que os dançarinos tinham antecipadamente aberto para o efeito. Verificando que Hainuwele não regressava a casa, Ameta suspeitou que a jovem tivesse sido assassinada. Procurou por isso o seu corpo, desenterrou-o e, certo de que Hainuwele fora possuidora de dons divinos, cortou o seu corpo aos bocados, que sepultou depois em vários lugares. Nesta ordem de ideias, quando os homens consomem os animais e plantas que provêm do corpo de Hainuwele,

Tendo em conta a natureza insólita da temática abordada, o canibalismo, perguntar-se-á se a obra de Freud não terá influenciado a escrita deste conto. A resposta negativa a esta questão encontramos-na nós numa carta dirigida por Pessoa a João Gaspar Simões (PESSOA, 2001:180), em que o escritor diz ter conhecimento das teorias de Freud, mas refuta qualquer tipo de influência. Para Pessoa, os poetas, os escritores, com a sua sensibilidade apurada, conseguem perscrutar a mente humana e chegar primeiro às descobertas feitas posteriormente pelos psicanalistas. Daí que Pessoa afirme nunca ter precisado apoiar-se nas teorias de Freud. O autor chegou mesmo a dizer que antes de ler algo sobre ou de Freud, ou até mesmo antes de ouvir falar dele, já tinha chegado às suas próprias conclusões acerca de determinadas características da alma humana³. Em suma, ainda que não conhecendo a obra de Freud, Pessoa descreveu com toda a clarividência aspetos da conduta humana que correspondem a aspetos e comportamentos identificados, classificados e tratados pela psiquiatria e psicanálise.

Um jantar muito original no contexto da estética decadentista finissecular

O conto de Pessoa, do qual nos ocupamos, tem como temática central, como já foi referido, o canibalismo. Pressupondo que é discutível o interesse deste assunto para a Literatura, tanto mais surpreendente se nos poderá afigurar o facto de esta matéria ter chamado a atenção de um autor tão racional e observador como Fernando Pessoa, ao ponto de sermos tentados a interpelar-nos, como sugere Leonor Machado de Sousa, sobre as razões que levaram “ [...] um escritor tão

é a própria deusa que, em certa medida, lhes serve de alimento (Eliade:90-3).

³ É interessante constatar que também os psicanalistas admitem que os escritores se lhes anteciparam na observação dos fenómenos e dinâmica inerentes à mente humana. Lacan refere, a este respeito: “a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar da sua posição, se esta lhe for reconhecida como tal, é de se lembrar com Freud que, na sua matéria, o artista sempre o precede [...] o artista lhe abre a via” (Lacan, citado em Martinho: 20).

intelectual como Fernando Pessoa a conceber uma tal desumanização, uma loucura tão degradante?” (1978:125). Porém, do nosso ponto de vista, Pessoa pretende exatamente mostrar que, em situações de grande tensão emocional e psicológica, o inconsciente se instala no lugar do ego⁴ e do super - ego⁵, derrubando a fronteira entre normalidade e anormalidade, primitivo ou selvagem e civilizado, bem e mal.

Importa observar, no entanto, que a atração pelo insólito, pelo fantástico e bizarro não são apanágio de Pessoa, uma vez que, para além de Poe, vários outros autores oitocentistas se interessaram pela temática da degenerescência da alma humana, pelo que Pessoa figura ao lado de autores francófonos e anglófonos, como Baudelaire (*Les Fleurs du Mal*), Bram Stoker (*Dracula*), e, evidentemente, Edgar Allan Poe.

Na verdade, convivia-se, na altura, com a impressão, a sensação de se viver numa época que prenunciava o apocalipse, inaugurada com o romântico “mal du siècle”, a que se seguiu a pungente consciência da inanidade da vida, descrita por Musset em *La confession d'un enfant du siècle* e retomada por Baudelaire na obra poética *Fleurs du Mal*, de que faz parte “Le Voyage”, poema em que se desce “au fond de l'enfer”.

A estética decadentista finissecular está diretamente ligada ao cansaço de uma civilização que se percecione no ocaso e se precipita em busca de sensações novas, mais intensas e mais singulares, esteticamente mais requintadas e complexas, ainda que eventualmente mais misteriosas, mórbidas ou

⁴ O ego é definido por Freud em *O Ego e o Id* da seguinte forma: “em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego” (1997:15).

⁵ O super-ego é, para Melanie Klein, o plano da mente onde ocorre a auto-censura e a auto-agressividade, resultante da introjeção de impressões, que podem ser mais ou menos favoráveis, ligadas à figura parental (composta pela mãe e pelo pai conjugados), ou aos objectos parciais que a evocam, como o seio, o ventre, o falo, etc. Segundo Klein, o super-ego surge na fase pré-edipiana ou pré-genital, e é composto por uma pluralidade de “imagos”, que correspondem aos objectos introjetados. Para Freud, o super-ego é corolário da dissolução do complexo de Édipo, pelo que o seu conteúdo se resume a uma imagem holística da figura paterna.

enigmáticas. Daí que Teresa Rita Lopes em *Pessoa por Conhecer* afirme que «Como Pessoa, Alexander Search sofreu a influência da literatura dos decadentes franceses e ambos se assumem como fruto de uma decadência generalizada [...]» (1990: 102). Salientando também o interesse de Search por temáticas degenerescentes, Teresa Rita Lopes argumenta que: “[Search] define-se como um doente mental e é-lhe atribuído um longo ensaio sobre “o Génio e a Loucura”, espécie de autodiagnóstico (outro!) que o jovem Pessoa ia redigindo em textos soltos” (102-103). Também ficamos a saber através do ensaio publicado por Jerónimo Pizarro, *Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura*, que Search leu a obra do psiquiatra e crítico sociológico alemão, Max Nordau: “No espólio [de Pessoa] conservam-se as notas de leituras dos dois volumes da *Dégénérescence* [...]. Nessas notas existem breves intervenções de Alexander Search, que, por momentos, parece ser o leitor virtual (ou real?) do livro” (2007: 59). Importa referir que Nordau destaca nas suas obras o cariz decadente da arte e da vida, resultante da degenerescência dos fenómenos sociais.

Mesmo não tendo sido elencado entre os autores decadentistas, sem dúvida que o escritor Joseph Conrad se sentiu atraído pela arte e temáticas características de um final de século, como evidencia o romance *Heart of Darkness*. Consideramos que Pessoa poderá ter tido conhecimento deste romance, escrito em 1899 e publicado em 1902, pois constatamos existirem interseções, indícios de intertextualidade nas duas obras, nomeadamente no que concerne aos atos “de horror”⁶ praticados pelas personagens centrais e ainda à temática do canibalismo, discutida quer em *Heart of Darkness* quer em *Um jantar muito original*. Repare-se ainda que ambos os romances evocam diretamente (a ação de *Heart of Darkness* desenrola-se em África) ou convocam ideias/imagens de um

espaço mais primitivo, presumivelmente mais instintivo e menos civilizado.

Relativamente a Poe, pode dizer-se que constituiu para Pessoa uma das suas maiores e mais importantes influências e referências, sendo que Pessoa sempre manifestou um profundo interesse pela obra do escritor norte-americano, de quem foi um leitor assíduo. Na verdade, *Um jantar muito original* poderá ter sido inspirado pelo conto de Poe *Thou Art the Man*, como afirmam alguns estudiosos da obra do poeta português. Neste âmbito, importa contudo apontar uma importante e significativa diferença: no conto de Poe temos um narrador que efetivamente desvenda um enigma; em Search, porém, depois de algumas tentativas frustradas por parte do narrador para desvelar a razão pela qual o jantar organizado por Prosit poderá ser considerado original, é o próprio autor do crime, Prosit, quem, por razões que adiante procuraremos analisar, desvenda o enigma. Estamos pois de acordo com Maria de Lurdes Sampaio que, num comentário à análise de Maria Leonor Machado de Sousa, faz notar que “É significativo que da história de Poe, *Thou Art the Man* em que provavelmente se inspirou, Pessoa tenha apenas retido os seus ingredientes de horror” (1994: 251).

Herr Prosit: Narciso ferido ou a estética da abjeção

Prosit, protagonista do conto *Um jantar muito original*, é, aparentemente, como tentaremos averiguar, o protótipo do sujeito perverso. Note-se porém que o anúncio do jantar em questão é feito no decurso de um banquete promovido pela Sociedade Gastronómica de Berlim, da qual Prosit é o presidente. O facto de Prosit ter sido escolhido para ser o chefe, o líder da Sociedade Gastronómica de Berlim, significa que os seus membros se revêem nele como seu representante, como aliás observa o narrador, invocando aquele que usou com inigualável mestria o horror e o fantástico para expressar os desvios das mentes deformadas, decadentes, o escritor Edgar Allan Poe: “Através de toda a literatura, muita subtileza, muita intuição se dispenderam em

⁶ Em *Heart of Darkness*, Kurtz, certamente menos alucinado do que Prosit, comenta, apercebendo-se do contexto empírico em que se movimenta: “the horror, the horror” (Conrad, 2007:116); em *Um Jantar mais original* é ao narrador que cabe esta reflexão (Pessoa, 2008:31)

casos deste género. São manifestamente patológicos. Poe deu aos complexos sentimentos que os inspiram, pensando que se reduzem a um só, o nome geral de perversidade” (PESSOA, 2008: 14).

Na verdade, tanto Prosit como a Sociedade de que faz parte são, desde logo (Pessoa, 2008: 13;15) qualificados de grosseiros pelo narrador, o que pressupõe a existência de uma afinidade e comunhão de objetivos, ideais e comportamentos. Assim, não obstante o narrador diga ignorar “a razão que levava a escolher o chefe desta sociedade entre a sua camada inferior” (14), podemos aferir que, subjacente à escolha de Prosit para presidente da sociedade, esteve necessariamente um mecanismo identificatório. Para percebermos como decorre a identificação intersubjetiva, importa ter em conta que, precedentemente a qualquer identificação com um “outro”, se opera, em todo o sujeito, um processo de identificação consigo próprio. Este processo identificatório primário ocorre durante a fase que Jacques Lacan denomina de fase especular (2006: 75-101), quando o “eu” se reconhece na imagem refletida no espelho, uma imagem gestaltiana de um corpo uno, dotado de completude. Nesta fase, um organismo, um “eu ideal”, ainda totalmente dependente de objetos parciais (entre outros, o bom seio materno, de onde provém o leite, em si também um objeto bom, que o alimenta e aquece, proporcionando-lhe bem-estar), se observa a partir de vários ângulos e, como Narciso, converte-se em objeto do seu próprio desejo, deixando-se atrair e seduzir pelo reflexo de si próprio, até porque esta imagem de completude mitiga a ansiedade e o medo de que um objeto persecutório⁷ leve a cabo o desmembramento do seu corpo. Porém, a este reconhecimento segue-se a percepção de que entre o “eu sujeito” e o “eu objeto” (a sua imagem virtual) existe um hiato, um vazio que o sujeito irá (ainda que de forma vã) tentar preencher através de uma identificação narcísica secundária com outros objetos de

desejo⁸, o primeiro dos quais é, evidentemente, a mãe. Assim, a pertença a um grupo simboliza, para o sujeito individual, a esperança de fusão simbiótica com um corpo uno, na medida em que todo o grupo/corpo comunga da mesma ordem de necessidades, objetivos e mundividência.

Pressupondo que a explanação anterior ilustra a forma como são desencadeados e se desenrolam, num contexto de normalidade, os processos identificatórios, não podemos deixar de constatar que, no que diz respeito à Sociedade Gastronómica de Berlim, a identificação entre os vários elementos que a compõem não parece ter sido precedida de qualquer investimento narcísico. Efetivamente, estamos perante uma sociedade “dubia, marginal” (PESSOA, 2008:13) que não se rege pela lógica da normalidade nem tão pouco pela moral, pelo que nos parece apropriado aferir que a dialética sujeito→objeto (de desejo), presente nos processos identificatórios normais sofre aqui uma rutura, para dar lugar à dialética sujeito→abjeto⁹. Por outras palavras, a identificação, entre os sujeitos que compõem a Sociedade Gastronómica de Berlim não imbrica no desejo, uma vez que o desejo só ocorre em relação a um objeto. Temos, deste modo, uma sociedade ou corpo em degeneração, cuja enfermidade se traduz em sintomas que Júlia Kristeva tão bem enuncia: “[...] no interior do corpo um tumor que o inconsciente não escuta, porque o seu sujeito vagueia sem norte confuso, fora do caminhos do desejo.” (1982:11).

⁸ *Objet a* segundo a terminologia lacaniana. Veja-se Jacques Lacan, Jacques (2006). “The Mirror Stage as formative of the function of the I as revealed in psychoanalytic experience.”

⁹ Julia Kristeva descreve do seguinte modo a relação do sujeito com o abjeto: “A súbita emergência de algo estranho/misterioso, que, tendo sido familiar numa vida esquecida, agora se revela separado, repugnante [...] No limiar da não-existência e da alucinação, de uma realidade que, se eu a admitir, me aniquila. Aí, abjeto e abjeção são os meus guardiães. Os fundamentos da minha cultura” (1982:2).

⁷ O seio materno, por exemplo, que, na ausência da mãe o “eu” pensa ter destruído: “[...] tenho receio de ser envenenado pelo mau seio no qual eu projetei/investi os meus maus dentes ” (Kristeva, 2001: 86).

Na verdade, e centrando a nossa análise no protagonista, verifica-se que algumas das impressões que o narrador vai proporcionando ao leitor, relativamente ao perfil psicológico de Prosit, põem em destaque a natureza desviante, patológica e perversa do seu carácter, graças ao uso recorrente de expressões-chave com uma carga semântica negativa, tais como: “grosseira” uma “seriedade que não era natural” uma “agitação naturalmente postiça”, “brutalidade inata” (PESSOA, 2008:12). Porém, o narrador adverte o leitor de que a “seriedade que não era natural” inscrita no rosto de Prosit, parecia “algo irmanada com a dor” (12), fruto, como alvitra o narrador, de “uma infelicidade própria ou um desgosto da sua vida de outrora” (12). Estas observações, mais do que um contraponto aos traços negativos do carácter de Prosit, parecem constituir, por parte do narrador, uma tentativa de identificar as razões subjacentes à aparente dualidade de carácter de Prosit. Assim, ainda que na ausência de factos comprovados, uma vez que o narrador afirma “disto não falo com qualquer certeza” (13), certamente que o leitor aceita como verosímeis e plausíveis os rumores existentes sobre o protagonista, de acordo com os quais Prosit “enveredava por uma vida animada para fugir a uma espécie de doença de nervos, ou quando muito, morbidez de família, pois era filho de um epilético e tivera como antepassados, para já não mencionar muitos ultra-extravagantes, vários neuróticos inconfundíveis” (13). Se acreditarmos que Prosit era, na verdade, filho de um epilético, doença cujos sintomas se traduzem em ataques equivalentes aqueles que experimentam os neuróticos¹⁰, facto ao qual acresce a existência de outros antepassados que eram neuróticos inconfundíveis, não nos parece inapropriado concluir que as circunstâncias que marcaram a pré-história, as estórias que precederam o advento da subjetividade de Prosit, propiciaram ao desenvolvimento de um temperamento neurótico por parte do protagonista. Ao aceitarmos que Prosit é um neurótico, encontramos a explicação para a sua aparente dualidade comportamental, uma

vez que o neurótico é, segundo nos elucida Freud (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*), aquele que reprime, que sublima os seus instintos, aparentando, por isso, ser quem não é.

O interesse de Prosit pela gastronomia também é explicável se tivermos em conta que “no inconsciente dos neuróticos podem se pesquisar como formadores de sintoma, todas as inclinações à transgressão anatômica; entre elas, com particular frequência e intensidade, as que reclamam para as mucosas oral e anal o papel dos genitais” (FREUD:2002). Ora, se, na decorrência da resolução do Complexo de Édipo, e da identificação com o pai, a sexualidade (sobretudo a do género masculino) se centra nos órgãos genitais, então não podemos deixar de concluir que uma fixação em outras zonas do corpo constitui uma rejeição da autoridade, um repúdio do Nome-do-Pai, da sua ordem, da sua moral, da sua Lei. Diferentemente do interesse pela gastronomia, os relacionamentos afetivos do protagonista, onde, segundo o narrador “a baixeza de carácter de [Prosit] [se] revelava sempre no seu aspeto mais horrível” (15), evidenciam uma concretização dos instintos ou impulsos que, tendo sido bloqueados, confinados a uma fantasia num estado de neurose, retornam, regressam, sob a forma de perversão. Na verdade, como nos explica Freud na obra anteriormente referida (*Três Ensaios*):

Todos os neuróticos são pessoas com inclinações perversas muito marcadas, mas recalcadas e tornadas inconscientes no curso do desenvolvimento. Por isso suas fantasias inconscientes exibem idêntico conteúdo que as ações que se tem documentado nos perversos [...] As neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões. (2002:45, ênfase original).

Também o assassinato dos cinco jovens gastrónomos se enquadra num padrão de perversidade. Assim, começamos por lembrar que, antes do banquete anual da Sociedade Gastronómica de Berlim, Prosit mantivera com cinco jovens um longa discussão, no decurso da qual, segundo somos informados

¹⁰ Freud, S. (2003). *The Uncanny*: 150.

pelo narrador “eles insistiam que um prato que um deles tinha inventado, ou um jantar que tinham dado, era superior a um feito gastronómico do Presidente.” (Pessoa, 2008:19). Ferido no seu narcisismo, Prosit arquitetou a sua vingança, mediante a qual lhe seria possível livrar-se do “mau objeto” introjetado, ou seja, da humilhação, substituindo-o por um “bom objeto” – a juventude e criatividade dos jovens. O ato de assassinato e canibalismo levado a cabo pelo protagonista evidencia as características associadas aos atos perversos, como sejam o facto de o protagonista ocupar a posição de sujeito e a existência de componentes com natureza sadomasoquista e voyeurista (FREUD, 2002:115). Relativamente ao primeiro aspeto, constata-se que Prosit se coloca na posição de sujeito (o que lhe confere poder sobre os objetos) no momento em que ordena aos cinco jovens: “estareis lá bem presentes. Estareis lá em corpo, garanto-vos.” (Pessoa, 2008:21, ênfase nossa). Quanto às componentes sadomasoquista e voyeurista, além de outras passagens que as ilustram bem (26,29), constata-se que adquirem a sua expressão máxima no momento que antecede a decifração do enigma, a revelação do crime (30-31), como bem evidencia a passagem que se transcreve: “à medida que se aproximava o momento da saúde, o Presidente parecia enlouquecer de excitação: mexia-se na cadeira, estrebuchava, franzia a cara, sorria, fazia caretas, ria sem nexos e sem parar” (31). Este momento culmina com a revelação do ato de canibalismo do qual todos haviam sido cúmplices involuntários, um desfecho onde prevalece o gozo pleno por parte de Prosit, a *jouissance* pura (segundo designação de Lacan): “«Bebo», disse ele, «à memória dos cinco rapazes de Frankfort, que estiveram presentes em corpo a este jantar e contribuíram para ele da forma mais material»” (31, ênfase original).

Note-se porém que, ainda mal recuperados do sentimento de “horror” que a revelação do crime provocara neles, uma multidão alienada liberta os seus impulsos reprimidos, deixando-se governar pelas forças do inconsciente, retirando, tal como Prosit, total prazer ou *jouissance* do ato em que incorrem:

Depois, excetuando os mais fracos, que tinham perdido os sentidos, todos os convidados, fora de si com uma fúria justa e descontrolada, precipitaram-se encarniçadamente para o canibal, para o louco autor desta façanha mais que horrível. Devia ter sido, para um simples espectador, uma cena horrível ver estes homens bem-educados, bem-vestidos, requintados, meio artistas, animados por uma fúria pior que a de animais. Prosit era louco, mas naquele momento, também nós estávamos loucos [...] De facto, neste instante, estávamos mais loucos que ele (32).

Como explica James Jones, em momentos de êxtase, como o que foi descrito anteriormente, o tempo linear é invadido pela atemporalidade do inconsciente, um movimento teleológico, ao mesmo tempo retrospectivo e projetivo: “Cada ato humano repete tanto o passado como aponta novas possibilidades de desenvolvimento” (1991:52).

A narrativa fecha com a notícia, dada pelo narrador, de que, dos cinco criados negros que tinham servido o jantar quatro tinham sido apanhados, informando ainda o leitor de que “os quatro que foram apanhados foram bem e justamente castigados” (33).

O castigo arbitrário dos quatro negros vem expor toda a hipocrisia de um sistema social e judicial concebido por e para os detentores de poder.

Conclusão

Como sugere Freud numa passagem da sua obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, as inclinações para a transgressão anatómica, neste caso concreto as inclinações para a neurose e para a perversidade, se experimentadas esporadicamente, enquadram-se num padrão de normalidade. Não é esse porém o caso nem do protagonista, Prosit, nem da Sociedade Gastronómica de Berlim, uma vez que se trata de uma sociedade “dúbia, marginal” (Pessoa, 2008:13), ao mesmo tempo artística e, ainda mais ostensivamente grosseira. Na verdade, a Sociedade da qual Herr Prosit é Presidente

acaba por evidenciar, como o próprio protagonista, características que fazem dela refém de pulsões de natureza primitiva, traduzidas em brutalidade, rudeza e impulsividade. Mais concretamente, quer se trate de comportamentos subjetivos, individuais, quer de comportamentos coletivos, observa-se que as massas, agindo como um só corpo, ficam inevitavelmente à mercê do inconsciente, o qual, se habitado pela pulsão para a destruição, para a morte (do sujeito tanto quanto do objeto), poderá incorrer em atos desviantes, patológicos, de natureza neurótica, perversa ou outra. Uma vez instalado (provisória ou definitivamente) no lugar do ego, o inconsciente estilhaçará irreversivelmente qualquer suposto apreço pela beleza, pela arte ou pela civilização. Estamos pois de acordo com Júlia Kristeva quando afirma: “[...] o abjeto é perverso na medida em que nem desiste nem assume uma proibição, uma regra ou uma lei; antes as repudia, engana, corrompe [...] mata em nome da vida e vive à mercê da morte” (1982:15).

Referências

BAUDELAIRE, Charles (1995). **Poesia e prosa**. Trad. Joana Angélica D’Ávila Melo e Marcella Mortara. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

_____. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **As flores do mal**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CONRAD, Joseph. **Heart of Darkness**. London: Penguin Books, 2007.

FREUD, Sigmund (1919). **A Child Has Been Beaten** – A Contribution to the Study of the Origin of Sexual Preversion. <http://pt.slideshare.net/341987/a-child-is-being-beaten>, consulta em 5 de novembro de 2014.

_____. **O Ego e o Id**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editores, 1997.

_____. **The Future of an Illusion: Civilization and its Discontents and Other Works**. Trans. James Strachey. Vol XXI. London: Random House, 2001a.

_____. **Totem e Tabu**. Trad. de Leopoldina Almeida. Lisboa: Relógio d’Água, 2001b.

_____. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Trad. de Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. **The Uncanny**. New York: The Penguin Books, 2003.

_____. **O inquietante**. História de uma neurose infantil (O homem dos lobos): além do princípio do prazer e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

JONES, James (1991). **Contemporary Psychoanalysis and Religion**. New York: Yale University Press

KLEIN, Melanie; RIVIERE Jean. **Vida Emocional dos Civilizados**. Trad. de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: An Essay on Abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

_____. **Histórias de Amor**. Trad. de Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

_____. **Strangers to Ourselves**. New York: Columbia University Press, 1991.

Aceito em: 23 de novembro de 2014.

_____. **Melanie Klein**. New York: Columbia University Press.

GARCIA, Flávio. *Um jantar muito original, de Alexander Search: A Ficção Pessoaana entre mistério, horror e fantástico*. (2013). http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol26/TR26c.pdf, consulta em 10 de novembro de 2014

LACAN, Jacques. **Écrits**. Trans. by Bruce Fink. New York: Norton, 2006.

LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por conhecer** – Roteiro para uma expedição. Lisboa: Estampa, vol. I, 1990.

MARTINHO, Maria Helena Coelho. **Perversão: um fazer gozar**. Tese de Doutoramento em Psicanálise. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

PESSOA, F. **Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões**. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 179-207, 2001.

_____. *Prosa Íntima e de Autoconhecimento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

_____. **Um jantar muito original, seguido de A porta** - Fernando Pessoa sob o heterônimo de Alexander Search. Lisboa: Relógio d'água, 11-34, 2008.

PIZARRO, Jerónimo. **Fernando Pessoa: Entre Génio e Loucura**, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

SAMPAIO, Maria de Lurdes. A Ficção de Fernando Pessoa. Estudo de um Caso Original. **Revista da Faculdade de Letras Línguas e Culturas**. XI, p. 247-269, 1994.

SOUSA, Maria Leonor Machado. **Fernando Pessoa e a Literatura de Ficção**. Lisboa: Novaera, 1978.

Recebido em: 19 de outubro de 2014